



CONFEDERAÇÃO NACIONAL INDEPENDENTE DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

AUDIÇÃO NO GRUPO DE TRABALHO INDISCIPLINA EM MEIO ESCOLAR

12 DE MARÇO DE 2015

(PARTE I)

Exmo. Sr. deputado Rui Pedro Duarte,

Exmas. senhoras deputadas e senhores deputados,

Minhas senhoras e meus senhores,

A CNIFE gostaria de agradecer o amável convite que lhe foi feito para estar presente nesta audição sobre indisciplina em meio escolar. A CNIFE considera que a indisciplina em meio escolar é uma temática claramente inscrita na ordem do dia e um factor de preocupação para muitos pais, sendo que a forma como muitas vezes é abordada, desligada dos fatos concretos e dos contextos reais em que ocorrem, pode tender a dar das nossas escolas uma imagem pouco realista, acentuando, em muito, problemas que efectivamente existem, mas que, na maioria dos casos, não serão particularmente graves. No entanto, quando a indisciplina faz perigar a vida dos alunos, nossos filhos, julgamos que está na altura de passar das palavras aos atos e implementar disciplina nas escolas. Mas atenção, não devemos confundir disciplina com repressão. Em nossa opinião, o diagnóstico está feito, não são necessários mais estudos, nem grupos de trabalho, nem relatórios nem nada. Há que restabelecer um ambiente de disciplina na escola pública. Em ambiente de indisciplina, uma escola, em vez de ser um local de formação, acaba por ser uma fonte de maus hábitos, maus exemplos e maus costumes. Passa a funcionar ao contrário: deseduca em vez de educar. Torna-se uma fábrica de delinquentes.

Em muitos discursos sobre esta temática, é também relativamente frequente a procura dos culpados, para os poder responsabilizar ou mesmo punir, sejam eles os jovens que "não têm regras", os pais que "não os sabem educar", ou os professores que "não sabem impôr a disciplina". Parece-nos, no entanto, bem mais importante perceber as causas de certos comportamentos e atitudes, que são, certamente, muitas e variadas, exteriores e interiores à escola, no sentido de nelas intervir, prevenindo os fenómenos de indisciplina. Claro que uma escola oficial pode sempre expulsar um aluno por mau comportamento. Mas, como é costume ouvir os diretores dos Agrupamentos dizer, *"ao expulsarmos um aluno sabemos que vamos criar um problema aos colegas da escola para onde esse aluno for"*. Mas a questão aqui é que, o problema das 'maças podres' (isto é, a impossibilidade de recusa de alunos por parte da escola pública) não é fácil de resolver, mas urge encontrar uma solução para ele, pois não se pode admitir que meia dúzia de jovens marginais estraguem o ambiente de uma escola inteira. É um dilema complicado. Assim, muitas escolas vão mantendo alunos problemáticos, às vezes autênticos delinquentes, para não atirarem o problema para cima de outra escola. Com isto cria-se um círculo vicioso. A má frequência do ensino público gera problemas de indisciplina, estes problemas afastam os melhores professores, o nível das escolas baixa ainda mais.

Mas, e permitam-me aqui voltar um pouco atrás, julgamos não ser possível falar de indisciplina em meio escolar como se a escola fosse uma ilha isolada, exterior e à margem do meio e da sociedade em que está inserida. Não é possível querer uma escola sem casos de indisciplina e



CONFEDERAÇÃO NACIONAL INDEPENDENTE DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

de violência quando a sociedade envolvente é, por demasiadas vezes, extraordinariamente violenta, quando vivemos um mundo e uma época em que crescem assustadoramente as situações de pobreza e de exclusão social, quando ressurgem com nova intensidade as guerras e os conflitos étnicos; quando o dia a dia de muitas crianças e jovens é marcado pela instabilidade, pelo desemprego ou trabalho precário dos pais, por um presente sem perspectivas de futuro, quando os pais não têm tempo de qualidade para estar com os filhos e vice-versa; quando diariamente cenas de enorme violência são transmitidas e banalizadas pela televisão, se vêm nos filmes, no futebol, nos telejornais.

Mas, se muitos dos problemas que estão na base de comportamentos de indisciplina se encontram fora da escola, a esta também cabe alguma responsabilidade na produção ou agravamento desses comportamentos, quando não tem em conta a diversidade social e cultural dos seus alunos, desvaloriza a sua cultura e os seus saberes, assegura uma oferta única de situações de ensino aprendizagem. Neste quadro, a escola pode também significar para muitas crianças e jovens um quotidiano de violência, onde se acumulam os apelos à passividade, ao individualismo, à competitividade, os insucessos escolares, os resultados negativos dos testes, as chamadas de atenção permanentes, as dificuldades em perceber a utilidade do que querem que se aprenda, a perda da auto-estima. Um quotidiano de violência quantas vezes acentuado por horas passadas em instalações e espaços com um ar decrépito, áridas e feias, sem o mínimo de conforto, com mobiliário desajustado e equipamento antiquado, sem espaços de convívio.

Mas, então, perguntamos, os casos de indisciplina serão sempre inevitáveis? Não se pode fazer nada? Que papel deve ter a comunidade educativa nestes casos?

É claro que pode, como o demonstram os exemplos de muitas escolas, de muitos professores e de muitas associações de pais. Com a consciência de que nem tudo passa pela escola e que a esta não compete fazer milagres, que uma certa dose de indisciplina será sempre inevitável, é possível reduzir significativamente as situações de indisciplina e de violência, melhorando o clima existente nas escolas e criando condições para que cada vez mais as crianças e jovens possam usufruir da escola pública de qualidade a que têm direito. Os interesses dos jovens hoje em dia não são os mesmos de há 40 anos atrás, o seu saber e conhecimentos das "coisas" não é o mesmo dos jovens há 40 anos atrás, pelo que urge rever currículos, conteúdos programáticos, metas curriculares e ajustar os horários escolares aos horários laborais, permitindo desta forma que filhos e pais tenham tempo de qualidade uns com os outros.

Não possuindo nenhum passe de mágica, a escola não se pode demitir das suas responsabilidades, o que implica o estreitar das relações entre a escola e a família, um esforço conjunto dos pais e professores para encontrar respostas para múltiplos problemas, criando condições para que a escola seja verdadeiramente inclusiva, capaz de respeitar e atender à diversidade social e cultural dos seus alunos, de adequar as suas propostas educativas e os programas aos interesses e características destes, de combater o abandono e o insucesso escolar. Uma escola capaz de envolver os alunos, de os motivar, de perceber os seus problemas, de com eles construir as regras e as normas de funcionamento, de pôr em prática formas participadas de gestão na vida da turma e da escola, de incentivar a formação dos jovens como cidadãos activos, críticos e intervenientes. Uma escola capaz de lutar por uma



CONFEDERAÇÃO NACIONAL INDEPENDENTE DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

verdadeira autonomia, combatendo os constrangimentos que se lhe colocam para construir alternativas pedagógicas, exigindo a afetação dos recursos humanos qualificados e materiais necessários, a criação de equipas integradas pluridisciplinares, com psicólogos, assistentes sociais, técnicos de educação, animadores culturais, a melhoria dos edifícios e dos equipamentos escolares. Enfim, uma escola que permita aos jovens viver a escolaridade como um momento fundamental no desenvolvimento da sua personalidade, que se assuma como um espaço de aprendizagem, de formação e desenvolvimento do espírito crítico, da criatividade, da solidariedade, do respeito pelo outro e pela diferença, de fomento de uma intervenção cívica consciente e responsável.

Como legais representantes dos pais e encarregados de educação, a CNIPE entende que estes podem e devem ter um papel preponderante na promoção da disciplina na escola e na sala de aula, bem como no sucesso educativo dos nossos filhos. Para isso, torna-se importante fomentar a participação dos pais e encarregados de educação, através das suas organizações competentes em órgãos de gestão da vida escolar, como o Conselho Pedagógico de onde foram retirados, nos órgãos consultivos do Ministério da Educação e Ciência, tais como o Conselho Nacional de Educação, e ainda, mas não menos importante, é necessário haver uma maior e melhor formação e responsabilização dos pais.

Muito obrigado pela atenção dispensada.